

**O DISCURSO DE ENSINO E SABEDORIA  
E A AUTORIA DE *ECCLESIASTES***

Wagner Pavarine Assen (UEMS)

[wagner.assen@gmail.com](mailto:wagner.assen@gmail.com)

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)

[natanielgomes@uol.com.br](mailto:natanielgomes@uol.com.br)

**RESUMO**

Por meio da observação dos parâmetros filosóficos inerentes no texto bíblico de *Eclesiastes* e os pressupostos teóricos literários, o seguinte artigo tem como objetivo principal fomentar as discussões quanto à autoria do texto poético do Antigo Testamento. Criando uma perspectiva não de caráter conclusivo, mas sim, uma tentativa traçar os paralelos existentes do mesmo com outros textos do antigo testamento, para criar um emaranhado analítico. Pelo viés de uma crítica ao sistema e ao modo de vida da época, apontaremos relações do texto bíblico e sua autoria. Questionar-se-á a vida, a realidade e seus valores. *Eclesiastes* aborda por um viés altamente filosófico a consideração da existência de um Deus, o sentido “verdadeiro” da vida, como também as vaidades e futilidades da mesma. O discurso de sabedoria e ensino, a época e a poética do texto serão elementos introdutórios de caráter norteador para pesquisa. Desse modo, o coser dos elementos literários com todo o bojo poético-conceitual existente no livro bíblico, possibilitará o suscitar da análise e, não somente isso como também a consolidação das hipóteses diante dos questionamentos que a obra possibilita abarcar.

**Palavras-chave:** Discurso. Ensino. Sabedoria. Autoria. *Eclesiastes*.

**1. Introdução**

Por meio da observação dos parâmetros filosóficos inerentes no texto bíblico de *Eclesiastes* e, os pressupostos teóricos literários, o seguinte artigo tem como objetivo principal fomentar as discussões sobre a sabedoria do texto poético do Antigo Testamento. Criando uma perspectiva não de caráter conclusivo, mas sim, traçar os paralelos existentes do mesmo com outros textos do antigo testamento, para criar um emaranhado analítico. Pelo viés de uma crítica ao sistema e ao modo de vida da época, apontaremos relações do texto bíblico e sua autoria. Questionar-se-á a vida, a realidade e seus valores. *Eclesiastes* aborda por um viés altamente filosófico a consideração da existência de um Deus, o sentido “verdadeiro” da vida, como também as vaidades e futilidades da mesma. O discurso de sabedoria e ensino, a época e a poética do texto serão elementos introdutórios de caráter norteador para pesquisa. Desse modo, o coser dos elementos literários com todo o bojo poético-conceitual existente no livro bíblico, possibilitará o suscitar da análise e, não somente

isso como também a consolidação das hipóteses diante dos questionamentos que a obra possibilita abarcar.

*Eclesiastes* se encaixa, no Antigo Testamento, formando os chamados livros poéticos juntamente com *Provérbios* e *Cânticos dos Cânticos* (*Cantares*), livros sapienciais, que ao longo do tempo – independente do povo ou cultura em questão – norteia o modo de pensar do homem organizando parâmetros do advento da vida no decorrer histórico do tempo (outras vertentes teológicas apresentam o livro de *Jó* inserido no quesito Sapiencial, pressupostos não abordados neste trabalho).

Peculiarmente inserido na *Bíblia*, o livro de *Eclesiastes* conta com uma premissa chave para diferenciação dos demais livros filosóficos de outras culturas, o fator divino, no caso, a presença ímpar de Deus, *Elohim*.

A literatura sapiencial tem com cerne as experiências do cotidiano numa necessidade de ser perpetuada a fim de melhorar a vida, o homem e tudo que os dois abarcam, em termos gerais. Essa sabedoria era propagada no Antigo Testamento de modo oral, sendo gravada com a escrita por escribas. Esse gênero literário compõe-se do acúmulo do saber dos pensantes de seu tempo, carregado em seu discurso de um campo vastíssimo político, social e formador de caráter, ensinamentos não só religiosos, como no contexto do povo hebreu, mas todo o sentido de uma vida e suas mais intrigantes indagações. O teólogo inglês *Derek Kidner* pressupõe que

A voz do Antigo Testamento tem muitas inflexões. Temos aí quase tudo, desde a apaixonada pregação dos profetas até os comentários tranqüilos e prudentes do sábio, entremeados de um mundo de poesia, lei, histórias, salmos e visões. Nenhum há, porém, que se assemelhe ao *Coelet* (ou *Qoheleth*, seu intraduzível título original). Não existe em todo este grande volume, um único livro que tenha as mesmas ênfases. Seu *habitat*, por assim dizer, fica entre os sábios que nos ensinam a usar os olhos e ouvidos para descobrir os caminhos de Deus e os caminhos do homem. Alguns de seus ditados lembram o livro de *Provérbios*. E quando, vez por outra, essas incursões com ele nos levam às situações mais desconcertantes, ele tem um jeito de parar e, com a sua sabedoria simples e franca, fazer-nos recobrar o ânimo e o equilíbrio. A sabedoria, muito prática e ortodoxa, é o seu campo básico; mas ele é um explorador. Sua preocupação é com as fronteiras da vida, e especialmente com as questões que a maioria de nós hesitaria explorar muito profundamente. Suas investigações são tão implacáveis que ele pode facilmente ser tomado por cético ou pessimista. Sua exclamação inicial, *Vaidade de vaidades!* Ou *Total futilidade!*, quase que merece isso; mas para ele há algo mais do que poderia caber numa única frase, mesmo que fosse uma frase-tema. Tanto assim que em certa ocasião alguns mestres quiseram sugerir que dois, ou três ou até mesmo nove di-

ferentes cabeças haviam trabalhado no livro, tais as suas contracorrentes e rápidas mudanças. Todas elas, porém, podem ser consideradas frutos de uma só mente, abordando os fatos da vida e da morte sob vários ângulos. No fundo descobrimos o axioma de todos os sábios da *Bíblia*, que o temor do Senhor é o princípio da sabedoria. Porém a intenção de Coelet é levar-nos a esse ponto apenas no final, quando estivermos desesperados por uma resposta.

Embora seja insinuada algumas vezes, o seu método principal é começar pelo fim: a determinação de ver até onde alguém consegue ir sem essa base. Ele se coloca – e a nós – no lugar do humanista ou do secularista. Não do ateu, pois no seu tempo o ateísmo não era uma preocupação, mas da pessoa que começa a pensar a partir do homem e do mundo visível e que conhece Deus apenas à distância. (KINDNER, 1989, p. 6)

As questões abordadas pela literatura sapiencial extrapolam a geografia e o físico se atendo ao comportamento humano que pertencem a toda raça e cultura. Transcendendo as fronteiras étnicas se transformando em um tipo literário universal para “se viver bem”.

Os fatos sociais ou experiências vividas por quem dá voz, o enunciador, a esse tipo de texto leva o leitor sabido a perceber o todo histórico que constitui a obra e a fazer possíveis contextualizações e aplicações na atualidade.

Compreender a literatura sapiencial no Oriente antigo implica conhecer o seu contexto, o seu significado e a sua função. A criação literária traduz em cada época os condicionalismos do seu tempo e do espaço em que se inscreve, constituindo o registro do facto social e o discurso sobre e da sociedade. Esta interdependência entre literatura e sociedade não limita a criatividade e a imaginação do escritor, mas condiciona a criação literária. A literatura sapiencial testemunha este diálogo permanente com a sociedade, numa sucessão de perguntas e de respostas que parecem, não raras vezes, libertar-se do tempo, mostrando-se válidas para outras épocas. Tem uma função social, na medida em que configura um quadro idealizado de uma sociedade estável e ordeira. Reflete as relações sociais, mas sugere, igualmente, um projeto de sociedade e certa concepção de poder. A literatura sapiencial poderá ser entendida a dois níveis, isto é, dois registos distintos de uma mesma mensagem. Sugere, por um lado, um interesse imediatista e muito pragmático; por outro lado, a mensagem caracteriza-se pela sua atemporalidade. Apesar de, com frequência, as instruções ou ensinamentos serem formalmente endereçados por um pai ao seu filho ou pelo mestre ao seu discípulo, constituindo um legado de conselhos práticos e de normas ético-morais com um interesse, sobretudo imediato para o destinatário, a verdade é que é também uma geração que transmite às seguintes o que considera ter de mais válido, isto é, a sua sabedoria e a sua moral. A par dos objetivos práticos da literatura sapiencial, ela apresenta um interesse político muito claro. Sobretudo na documentação de que nos ocupamos, Instruções e Provérbios, torna-se evidente que se trata de um diálogo da sociedade consigo mesma. (CARAMELO, p. 2, 2004)

Ao expressar questionamentos individuais o discurso sapiencial é

reflexo do homem e da sociedade da época, em *Eclesiastes* do homem sábio do Antigo Testamento. O que torna o livro de complicada compreensão, até em instancias acadêmicas, é exatamente o “jogo” duvidoso que perpassa a crítica social, a futilidade da vida, “as vaidades das vaidades” e entre outras as antíteses das relações do saber, fé e a esperança em Deus.

Acompanhado de diversos outros livros veterotestamentários – *Jó*, *Provérbios*, *Levítico* – de ensinamentos, dogmáticos e doutrinários o livro de *Eclesiastes* tem uma abordagem e reflexões ímpares e de incommum construção. Este discurso sapiencial é produto da observação de uma determinada sociedade, suas injustiças e seu ciclo permanente, repetições de fatos. Lembrando que de um modo universal o pensamento sapiencial abarca uma “miscigenação ideológica” dos povos próximos e as relações e práticas políticas. O todo composto pelo autor de *Eclesiastes* não é só referente ao povo judeu, mesmo considerando Javé como Senhor, mas também é de exata aplicabilidade a todo povo da época, e considerando sua atemporalidade até os dias atuais.

## 2. *A discussão de Eclesiastes*

O cerne da construção textual de *Eclesiastes* é uma concepção de uma sociedade ideal e ordenada. Esse pensamento parte de ordem pacífica de caráter individual que produzira, por sua vez, melhoria na sociedade. Com o título transliterado para o português na versão da *Septuaginta*, ou seja, do grego tem-se “O pregador”. Já a palavra grega *Ekklesiastes* vem a significar “orador de uma assembleia convocada”, derivação do termo *ekklesia*, igreja. Válido ressaltar a implicaturas ideológicas quando ocorrem diferentes traduções, assunto este bem mais hermético e denso, cuja necessidade de mergulho analítico não é tensão deste artigo.

O tema do livro é que “debaixo do sol tudo é vaidade”, ao tirar do plano da vida (consciência) o Deus *Elohim* tudo é vaidade, e a vida em si não tem sentido algum de ser vivida. Segundo Kindner as investigações de *Eclesiastes*

são tão implacáveis que ele pode facilmente ser tomado por cético ou pessimista. Sua exclamação inicial, *Vaidade de vaidades!* Ou *Total futilidade!*, quase que merece isso; mas para ele há algo mais do que poderia caber numa única frase, mesmo que fosse uma frase-tema”

(“vaidade de vaidades” superlativo transliterado equivalente a “muito fútil”).

De hipóteses interpretativas variadas de acordo com os pressupostos das bases analíticas, o texto abra uma gama de reflexões filosóficas sobre inúmeras instancias do ser humano. Para Júlio Zabatiero

O livro é de estruturação complexa, aparentemente há mais de uma lógica estrutural regendo o texto: (a) uma lógica poética, que constrói estruturalmente o texto a partir das assonâncias, aliterações, associações de vocábulos, similaridades semânticas, contrastes, arranjos quiásticos, transições abruptas (ZABATIERO, 2011, p. 11).

O autor considera claramente a realidade passional de um Deus que se relaciona com o seu povo. Mostra uma sabedoria como legada também não só de do povo em sim, mas de um povo que tem se baseia nas Leis desse Deus. A problematização em sim dividida ao longo da poética da obra é da existencialidade como um todo inflexões, indagações da plenitude do homem, da plenitude do “viver”.

Na tentativa de defini-lo ou de guiar o leitor Kindner diz

No fundo descobrimos o axioma de todos os sábios da *Bíblia*, que o temor do Senhor é o princípio da sabedoria. Porém a intenção de Coelet é levar-nos a esse ponto apenas no final, quando estivermos desesperados por uma resposta. Embora seja insinuada algumas vezes, o seu método principal é começar pelo fim: a determinação de ver até onde alguém consegue ir sem essa base. Ele se coloca – e a nós – no lugar do humanista ou do secularista. Não do ateu, pois no seu tempo o ateísmo não era uma preocupação, mas da pessoa que começa a pensar a partir do homem e do mundo visível e que conhece Deus apenas à distância.

Parte-se deste pressuposto a conclusão do viés pessimista que beira às vezes o niilismo. O desenrolar das reflexões dialoga diretamente com existência de Deus. Em contrapartida ao pessimismo no final do texto o autor se posiciona otimista e esperançoso com a condicional de que o homem deve considerar como essencial um relacionamento com Deus, *Elohim*. A moral ética das relações interpessoais é baseada também nisso, assim também como a relação servo e senhor. A desconstrução, obvia, do intento niilista é desconstruído pelo simples fato de se acreditar fielmente em um Deus, tradição de seu povo, considerando que o mundo foi criado e regido por esse Deus (LÍNDEZ, 1999).

*Qohélet* aproxima a realidade humana dos olhos humanos do leitor, faz perceber a fragilidade da vida, e ainda em um nível mais profundo a fragilidade da vida por não “conhecer” *Elohim*; acarretando na percepção transcendente da fé. Agindo de modo profético do Antigo Testamento faz um papel acidamente crítico das injustiças e abusos sociais. A percepção do mundo a sua volta, dos aspectos históricos inerentes, as di-

ferenças das classes sociais, a política se mesclam e se evidenciam do modo latente em um dizer que além de priorizar a sabedoria faz voz a justiça.

Por fim, nota-se que tudo aquilo que está ao alcance do ser humano é passageiro, sem valor aparente e de um vazio extremo, segundo *Qohélet*.

Em um emaranhado de contradições e antíteses cabe ressalva que tanto a definição da totalidade de reflexões quanto definir um único viés para obra é feito de caráter simplista que suplanta a riqueza do conjunto artístico, filosófico e poético de *Eclesiastes*.

### **3. Afinal, quem escreveu o livro da Sabedoria da Bíblia?**

Além das inesgotáveis e eternas reflexões que o livro de *Eclesiastes* abrange, os questionamentos sobre a autoria do livro poético da sabedoria faz sombra ao todo crítico analítico que já se escreveu. E muito provavelmente, assim como outras inúmeras “categorias” da discussão teológica, não se achara denominador comum, exato e imutável para essa questão. Como pressupostos bases, este estudo permeara a discussão fazendo apropriação dos comentários sobre o livro de *Eclesiastes* de Gianfranco Ravasi (1942), José Vílchez Líndez (1999) e Derek Kindner (1989).

Para José Vílchez, o único ponto abordado por ele segundo os tradicionalistas, que mantém o pensamento até o século XVII, é que logo no início do texto já é definida a autoria – “*Palavras do pregador, filho de Davi, rei em Jerusalém*” (não apontado pelos demais autores citados, pois apresentam apenas a vagueza de termos do discurso, comparações linguísticas e filosóficas e de antemão é valido saber que nenhum deles afirma, objetivamente, que a autoria seja salomônica). Com o passar dos anos dúvidas, não por acaso, surgem. E na soma dos dois pilares, que segundo Vílchez, sustentavam que a autoria seja de Salomão começa a ruir. E essa quebra, com a tradição, começa com Hugo Grotius, em 1644, que afirma categoricamente, com base na análise ideológica e filosófica mutável do discurso, que não fora Salomão o autor. Tal teoria fora aceita (paulatinamente) e obteve aprovações, só a partir, do final do século XIX que a linguística toma partido da causa e advoga com prerrogativas históricas, relacionando o tempo da escritura e suas formas, vindo afirmar que o texto não é de Salomão em comparativo com os outros dois em que a

autoria salomônica é explícita.

O inglês Kindner é breve e afirma, relacionando alguns versículos:

Existe na forma Omo este escritor se anuncia um quê de mistério – e este toque curioso não parece ser involuntário. Primeiro, ele chega quase ao ponto de se chamar Salomão, mas não o faz. Este nome não aparece no livro, ao passo que tanto *Provérbios* quanto *Cantares* declaram abertamente a sua autoria. Depois vem a curiosidade do título duplo, eclesiástico e real, quase como se alguém falasse de “O Vigário, Rei da Inglaterra!” Veremos uma outra observação enigmática no versículo 16, com a reivindicação de uma sabedoria que sobrepujava “a todos os que antes de mim existiram Jerusalém”. Isto exclui qualquer sucessor do incomparável Salomão, mas quase exclui também o próprio Salomão, que teve apenas um predecessor israelita. Se acrescentarmos a isto o fato de que todos os sinais de realeza desaparece depois dos dois primeiros capítulos, torna-se evidente que devemos considerar o título que não é real como sendo o título do autor, e o real como um simples meio de dramatizar a busca por ele descrita nos capítulos um e dois. Ele nos descreve um supersalomão (como dá a entender como termo “sobrepujei” em 1:16) para demonstrar que o homem mais dotado que possamos imaginar, que ultrapasse qualquer outro rei que já tenha ocupado o trono de Davi, ainda retornaria com as mãos vazias na busca da autossatisfação. Da descrição mais completa do autor em 12:9ss. temos o retrato de um mestre cuja vocação é ensinar, pesquisar, editar e escrever. O que o seu livro como um todo nos ensina indiretamente é que ele é tão sensível quanto corajoso, e um mestre do estilo. (KINDNER, 1989, p. 11)

Para se afirmar qualquer coisa em relação à autoria, antes é necessário considerar diversos fatores imprescindíveis, como o tempo em congruência com os aspectos linguísticos e, por fim, a formação ideológica e filosófica que esses fazem frente.

Segundo Ravasi (autor que dá mais ênfase à questão), o texto tem um caráter altamente biográfico por introduzir reflexões em primeira pessoa 85 vezes. Para ele a autoria também é um enigma – título do primeiro capítulo de seu comentário “O enigma do autor” – o texto também faz alusões a outros autores. Outro item de grande relevância é a não tradução do termo “*Coélet*”. Indeterminando por inúmeras vezes o enunciativo ao longo dos versos do livro. Segundo ele, apesar da terminação em hebraico ser tipicamente feminina, os verbos ligados a eles estão no masculino, o que descarta a possibilidade de ser uma mulher autora.

Procuraremos, porém, o significado desse nome genérico tornado sobrenome próprio de pessoa. A etimologia nos remete à raiz hebraica *qhl*, geralmente usada em duas formas, a causativa (*hifil*), “convocar, reunir a assembleia” de Israel, ou a reflexiva (*nifal*), “reunir-se”. Nenhum dos dois casos é apropriado ao termo “*Coélet*”. Devem-se, por isso, excluir a tradução “aquele

que reúne a assembleia” (...), proposta por alguns, e a tradução derivada, “orador”, “pregador” como traduzia Lutero. Além do conteúdo desse “sermão”, pouco “eclesiástico”, excessivamente calidoscópico e semeador mais de ansiedade que de paz, milita contra a identificação de *Coélet* com “Pregador”. (...) É certo que *Coélet*, embora fale desse modo de si mesmo, sente fastio evidente das grandes massas, habituadas aos estereótipos sapienciais. O círculo de *qahal*, da assembleia de seus discípulos, se restringe à medida que suas palavras, calmas mas corrosivas, devastam os lugares-comuns e se tornam inquietantes. (RAVASI, 1988, p. 11-12).

Concatenando os diversos dados históricos e as infundáveis análises sobre *Eclesiastes* não sem tem uma que afirme categoricamente a autoria certa para o livro, sem que aponte contrapontos.

#### **4. Considerações finais**

Mais que evidente que o enigma tanto de quem escreveu como o todo filosófico que o autor quis abarcar se faz eterno e atemporal assim como sua aplicabilidade.

Dando fomento a discussão é intenção de qualquer estudo sobre o assunto não esgotar em independente do viés de análise, e esse não se faz diferente. Pode-se concluir então a valia máxima de ainda se discutir *Eclesiastes* com olhos na contemporaneidade e no passado, perpetuando o poder filosófico (reflexivo) do texto bíblico.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- BÍBLIA Sagrada*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.
- BÍBLIA Sagrada*: Palavras-chave (hebraico-grego). 4. ed. Rio de Janeiro: CEPAD/Sociedade Bíblica do Brasil. 2011.
- CARAMELO, Francisco. A função social e política da literatura sapiencial no Próximo Oriente antigo (I). In: SILVA, F. Ribeiro da et al. (Orgs.). *Estudos em homenagem a Luís António de Oliveira Ramos*, vol. I. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2004.
- RAVASI, Gianfranco. *Caélet*: pequeno comentário Bíblico. São Paulo, 1942.
- LÍNDEZ, José Vílchez. *Eclesiastes ou Qohélet*. São Paulo, 1999.
- KINDNER, Derek. *A mensagem de Eclesiastes*. São Paulo: ABU, 1989.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. Viver à sombra da morte: Reflexões otimistas sobre a dimensão trágica da vida – *Eclesiastes* 6,10-7,14. *Theologando*, n. 05, ano 05. Campo Grande: Fathel Faculdade Teológica. Disponível em:  
<[https://www.facebook.com/Zabatiero/posts/390693564370995?stream\\_ref=10](https://www.facebook.com/Zabatiero/posts/390693564370995?stream_ref=10)>.